

Anarco-sindicalismo nos primeiros textos

Sobre o Congresso de Londres de 1896, falando de si mesmo e de Fernand Pelloutier, Augustin Hamon relata na *Révolution prolétarienne* do 3º janeiro de 1928 : “Após muitas discussões, tivemos a ideia comum de lutar contra a Social-Democracia no congresso de Londres. Fomos nós dois que, para esse fim, em Paris, organizamos a delegação sindicalista-anarquista.” Um exame da imprensa no início do século XX mostra que o termo “sindicalista-anarquista” ou “sindicalista anarquista” era usado.

*La République sociale*¹ de 14 de janeiro de 1904 publicou um artigo anti-anarquista no qual a estratégia do movimento libertário é analisada de forma muito pertinente;

“Os anarquistas, antes partidários da ação individual, porque rejeitavam a tirania das maiorias, agora se misturam aos grupos. É verdade que alguns anarquistas encontraram esta distinção: realizamos ações individuais em grupos.

“Os anarquistas, tendo se tornado libertários, transformaram-se em sindicalistas, e a ação individual tornou-se ‘ação direta’, isto é, a ação direta da política anarquista nos sindicatos.

“Depois de ver que a política anarquista não tinha sucesso em reuniões públicas nos círculos políticos, os libertários entraram nos círculos sindicais com o objetivo de instilar gradualmente suas chamadas ideias libertárias aos membros do sindicato, porque não há piores autoritários que os ditos libertários. Julgue por si mesmo:

“Os anarco-sindicalistas agora se dirigem aos trabalhadores sindicalizados, gritando: Nada de política. Chega de políticos! Isto significa: Chega de política socialista, pois estamos substituindo-a por política e políticos anarquistas e, de fato, já que os sindicalistas-anarquistas têm feito política na Bolsa de Trabalho em Paris e em outros lugares, alguém poderia pensar que eles lidariam exclusivamente com questões econômicas, em relação à ação puramente sindical, já que eles não queriam mais políticos.

“Bem, a ação direta da política anarquista nos sindicatos tem consistido puramente em defender a Revolução por meio da greve

¹ Órgão da Federação Socialista Autônoma do departamento de Aube (uma subdivisão territorial e administrativa da França que compreende 96 departamentos).

As prensas da década de 1900 estão acessíveis através do banco de dados da biblioteca nacional bnf.fr.

geral e tem resultado em bandidos da polícia nocauteando cidadãos inofensivos ou trabalhadores desnecessariamente empolgados pelos teóricos da ação direta, abrigados em seus escritórios depois de terem comprometido esses trabalhadores confiantes com manifestações e ações externas.”

Este artigo sugere que os libertários tentaram diversas “estratégias” antes de se decidirem pelo sindicalismo – o que de fato é o caso. Assim, encontramos o uso da palavra “anarcossindicalista” a partir de 1904, mas não parece que o termo seja usado no sentido de uma “doutrina”, mas no sentido de uma *prática* adotada pelos anarquistas.

A mesma observação pode ser feita em muitas publicações da época.

No entanto, os artigos nem sempre são tão críticos: em *La Chronique de la presse* de 1908, podemos ler: “...praticamente, é indiscutível que esses sindicalistas anarquistas prestaram grandes serviços ao sindicalismo: eles trouxeram uma quantidade muito grande de energia para a luta empreendida contra os partidos políticos...” O que sugere que foi o anarquismo que foi uma “estratégia” do sindicalismo: lembremos que uma das principais motivações para a entrada de anarquistas nos sindicatos, tanto na França quanto no Brasil, foi lutar contra a influência dos socialistas.

Vemos que pode ser particularmente interessante aprender sobre o ponto de vista dos oponentes. Assim, *Le Radical*² de 9 de janeiro de 1914 publicou um artigo bastante longo intitulado “Anarquia na CGT”, no qual pergunta: “Como ocorreu a conquista da organização sindical pelos elementos anarquistas?” Aqui, novamente, o artigo vê as coisas muito bem, apesar das distorções inevitáveis que contém. Ele discute as várias causas da “conquista anarquista” dos sindicatos e sublinha um ponto essencial :

“Na época em que a CGT foi formada, a maioria dos trabalhadores que se filiaram aos sindicatos estava cansada das disputas miseráveis que colocavam as várias escolas socialistas umas contra as outras e que se tornavam mais violentas a cada campanha eleitoral. ‘Nada de política nos sindicatos!’ Este slogan seria bem recebido.”

Os observadores da época viram perfeitamente que os anarquistas aproveitaram as incríveis divisões no movimento socialista (em determinado momento, havia 5 ou 6 partidos socialistas em disputa permanente) para avançar em direção ao que se tornaria o sindicalismo revolucionário.³ Referindo-se ao investimento anarquista nos sindicatos, o artigo lembra corretamente que “alguns

2 Jornal radical-socialista. O “radical-socialismo” poderia muito bem ser o que Bakunin chamou de “socialismo burguês”.

anarquistas puros, permanecendo fiéis ao ideal libertário, mantiveram distância do que consideravam um desvio e um compromisso”: cita Jean Grave e André Lorulot. Nota interessante que sugere três coisas :

- a) Muitos anarquistas estão envolvidos no movimento sindical ;
- (b) Um pequeno número deles “ficou de lado”;
- c) Implicitamente, aqueles que se envolveram no movimento sindical não eram realmente “fiéis ao ideal libertário”.

O artigo conclui da seguinte forma :

“Deve-se dizer, entretanto, que ao se mostrarem suficientemente hábeis e, às vezes, flexíveis para assumir a liderança do movimento confederal, os anarquistas sindicalistas conseguiram ganhar força e meios de ação que sempre faltaram aos teóricos da seita.”

Esta é obviamente a “seita anarquista” – talvez uma alusão à Carta de Amiens, que afirma que a organização sindical não precisa “se preocupar com partidos e seitas que, externamente e paralelamente, podem buscar a transformação social em total liberdade”.

Aqui, novamente, esta passagem do artigo é interessante na medida em que sugere que há uma demarcação clara, dentro do movimento libertário, entre aqueles que souberam se adaptar, que souberam ser “habilidosos” e “flexíveis”, que foram trabalhar no terreno, por um lado; e os “teóricos da seita” do outro.

Desta rápida visão geral da imprensa da época, podemos fazer duas observações :

- Os artigos na imprensa “burguesa” que tratam do movimento anarquista na CGT obviamente não são elogiosos, são frequentemente hostis, mas não eles não ecoam o medo dos ataques terroristas, cuja memória ainda está fresca na época, e apenas ocasionalmente dão uma imagem caricatural do movimento. Essas são análises políticas raramente favoráveis, mas muitas vezes bastante objetivas.

- Os termos “anarquista sindicalista”, “sindicalo-anarquista”, “anarco-sindicalista”, etc. parecem comuns, são intercambiáveis; elas designam uma prática, uma tática, mas *não uma doutrina ou um movimento*.

3 O socialista Edouard Vaillant pôde escrever: “A Confederação Geral do Trabalho nasceu em meio a divisões políticas que tornavam impossível a vida dos sindicatos e sua organização. Ela devia ter uma grande desconfiança da organização política e de suas facções que disputavam em sua casa. Os libertários conseguiram tirar vantagem dessa situação por um momento.”

Veja : compte rendu du 3e congrès national du parti socialiste, 1-4 novembre 1906 : <https://bataillesocialiste.files.wordpress.com/2008/07/congres1906o.pdf><https://bataillesocialiste.files.wordpress.com/2008/07/congres1906o.pdf>, p.95)

Sujeito a um exame mais cuidadoso dos textos da época, e em particular da imprensa, que poderia modificar minhas conclusões, parece que o anarquismo era uma parte constitutiva e essencial do sindicalismo revolucionário, o que foi confirmado em 1913 por um historiador contemporâneo dos acontecimentos :

“Foram os anarquistas, adversários do Estado, que, em suma, deram a fórmula, ou pelo menos participaram mais diretamente na formação da fórmula sindicalista atual. A concepção revolucionária, foram eles que a introduziram nos Congressos corporativos dos quais participaram de forma ativa, aproximadamente desde a criação da Federação das Bolsas de Trabalho: 1892) (...) Pelloutier era um anarquista; Tortelier também, lembramos.”⁴

Resumindo: Existia no movimento operário francês, antes da Revolução Russa, uma corrente que a imprensa da época e os militantes designavam sob o termo “anarco-sindicalista”, “sindicalo-anarquista” ou “anarco-sindicalista”. Os três termos eram perfeitamente sinônimos. Sem dúvida, eles eram ativistas anarquistas que se dedicavam ao sindicalismo na CGT. Não há evidências que sugiram que esta fosse uma *doutrina específica*. Os ativistas dessa corrente *anarquista* na CGT constituíram então a principal corrente do sindicalismo revolucionário. O anarcossindicalismo como corrente e como movimento de massas só surgiria após a Grande Guerra e seria o resultado de uma profunda fratura dentro do sindicalismo revolucionário sobre a atitude a ser adotada em relação à Revolução Russa.

No período que vai da Revolução Russa até a fundação da CGTU, cisão da CGT em 1921,⁵ formou-se uma corrente que seria designada pelo termo “anarcossindicalista”.

Na CGTU, surgiu rapidamente uma corrente, apoiada pelos comunistas, a favor da adesão da organização à Internacional Sindical Vermelha, o equivalente sindical da Internacional Comunista. Isso levou a uma divisão dentro da corrente sindicalista revolucionária, com um lado apoiando a adesão e o outro se opondo a

4 Maxime Leroy, *La Coutume ouvrière*, t. II, Livro IV. Confederação Geral do Trabalho, p. 542, M, Giard & É. Brière, 1913.

5 A “Confédération générale du travail unitaire”, ou CGTU, foi uma confederação sindical na França que, a princípio, incluía sindicalistas revolucionários e comunistas. Foi fundada em 1922 como uma confederação de sindicatos radicais que haviam deixado a Confederação Geral do Trabalho (CGT), dominada pelos socialistas. A corrente sindicalista revolucionária, que inicialmente era muito poderosa na nova organização, cindiu-se em duas quando alguns dos militantes sindicalistas revolucionários decidiram apoiar a filiação à Internacional Sindical Vermelha. Em 1936, a CGTU se fundou novamente à CGT.

ela.⁶ A corrente contrária a essa adesão foi chamada de “anarcossindicalista” pelos socialistas, comunistas e sindicalistas revolucionários favoráveis a Moscou. A expressão era um termo de desprezo e permaneceu assim por vários anos até que os ativistas a quem se referiam finalmente a endossaram.

O anarco-sindicalismo, como doutrina e como movimento, *surgiu do sindicalismo revolucionário* e em oposição à filiação à Internacional Sindical Vermelha; mas também foi formado em oposição à corrente do sindicalismo revolucionário que se declarou a favor da filiação à ISV, e que acabou desaparecendo, “engolida” pelo Partido Comunista. Muitos quadros e quadros intermediários da CGT eram ex-sindicalistas revolucionários que não haviam perdido completamente seus reflexos, e a liderança do partido reclamou até a década de 1960 que as instruções do partido não eram consideradas prioritárias quando a estratégia sindical assim o exigia.

A dificuldade em “identificar” essa corrente anarco-sindicalista vem, sem dúvida, do fato de que ela existiu *de fato* por cerca de dez anos, até por volta da década de 1930, mas *não em palavras*, pois continuava a se autodenominar “sindicalista revolucionária”, considerando-se a *única* corrente sindicalista *autenticamente revolucionária*.

Anarco-sindicalismo : uma “carreira positiva, mas clandestina”

Uma das primeiras aparições do termo “anarcossindicalismo” no sentido em que o entendemos hoje é talvez (e significativamente) em uma carta de Godonnèche⁷ a Monatte (28 de julho de 1921), e de forma pejorativa, na qual há menção à oposição dos anarquistas à filiação à Internacional Sindical Vermelha.⁸ O tom está definido. Em qualquer caso, o anarcossindicalismo está claramente ligado ao anarquismo. Corrêa tem, portanto, toda a razão ao dizer que “Anarco-sindicalismo é um termo mais reservado para o tipo de sindicalismo revolucionário de que é aberto e conscientemente anarquista em suas origens, orientações e objetivos.”⁹ Há um livro essencial escrito por Daniel Colson, que traça o caminho da referência ao anarco-sindicalismo.¹⁰ Isso mostra que o uso do termo “anarco-sindicalismo” para designar um movimento específico apareceu

6 Os leitores podem consultar minha série de 20 partes publicada no *Le Monde libertaire* on-line. [https://www.monde-libertaire.fr/?articien=4735&article=Histoire : L'Internationale syndicale rouge \(1ere partie\)](https://www.monde-libertaire.fr/?articien=4735&article=Histoire%3A%20L'Internationale%20syndicale%20rouge%20(1ere%20partie))
Veja também: resenha do livro de Reiner Tossdorff, *The Red International of Labour Unions (RILU) 1920-1937*, [https://www.monde-libertaire.fr/?articien=3708&article=Recension et commentaire du livre de Reiner Tosstorff The Red International of Labour Unions \(RILU\) 1920-1937](https://www.monde-libertaire.fr/?articien=3708&article=Recension%20et%20commentaire%20du%20livre%20de%20Reiner%20Tosstorff%20The%20Red%20International%20of%20Labour%20Unions%20(1920-1937))

7 Victor Godonnèche (1886-1942) foi um individualista anarquista que se voltou para o sindicalismo revolucionário. No congresso confederal da CGT, em setembro de 1920, ele se manifestou a favor da adesão à Terceira Internacional. Participou como

bem tarde na Europa, depois da Grande Guerra, e de forma polêmica, sendo o termo destinado a marcar uma mudança em relação ao sindicalismo revolucionário “clássico”. É um sintoma da ruptura entre aqueles que aderem às teses comunistas e apoiam a ditadura bolchevique, e aqueles que se opõem a ela; em outras palavras, o anarco-sindicalismo está ligado à ascensão de comunismo, ao qual ele se opôs, e que o sucedeu. O conteúdo teórico desta nova corrente, que surgiu como um espectro criado por aqueles que se opunham à política sindical imposta pelos comunistas russos, não era muito preciso, pois, antes de tudo, libertários notórios, comunistas – mas comunistas não inteiramente alinhados, nos diz Daniel Colson – eram designados como tal, ou se designavam como tal :

“Procuramos em vão por qualquer vestígio de autoproclamados ‘anarcossindicalistas’ pelo menos durante este período em que o anarcossindicalismo supostamente estava desaparecendo (...). No discurso militante de 1922, o anarco-sindicalismo não é uma referência reivindicada, mas uma classificação negativa produzida por aqueles que afirmam se opor a ele.”¹¹

O que significa “o anarcossindicalismo supostamente estava desaparecendo”? Colson aponta algo curioso. No discurso usual sobre a história do movimento operário, diz ele, considera-se, esquematicamente, que o “anarcossindicalismo” marca o proletariado do pré-guerra, enquanto o “comunismo” representa o proletariado do pós-guerra. A guerra e a revolução russa teriam de alguma forma causado o fim do anarco-sindicalismo, substituído pelo comunismo, uma forma mais moderna e mais afinada com os tempos. Entretanto, antes da guerra, ninguém falava de anarco-sindicalismo *como um movimento*: o termo só apareceu no início da década de 1920...

Por outro lado, é verdade que a guerra e a revolução russa marcaram o fim do sindicalismo revolucionário “clássico”. Isto reaparece após o terrível choque da guerra, mas sua unidade não sobreviverá ao choque da revolução russa: haverá aqueles que apoiarão a filiação à Internacional Sindical Vermelha e que acabarão se dissolvendo como sindicalistas revolucionários para reaparecer como comunistas ; e aqueles que rejeitarem a filiação à ISR fundarão a AIT de Berlim e se tornarão anarco-sindicalistas.

delegado dos Comitês Sindicalistas Revolucionários no congresso para estabelecer a AIT em Berlim e fez tudo o que pôde para impedir sua fundação. Ele se filiou ao Partido Comunista em maio de 1921, ao mesmo tempo que Pierre Monatte. Ver biografia : <https://maitron.fr/spip.php?article156556>

8 Arquivo Monatte, *Syndicalisme révolutionnaire et communisme*, Maspéro, p.303 sq.

9 F. Corrêa, *op. cit.* pág. 82.

10 Daniel Colsons, *Anarcho-syndicalisme et communisme, Saint-Etienne, 1920-1925*, Centre d'études forésiennes, atelier de création libertaire, 1986.

11 D. Colson, *op. cit.*

Daniel Colson mostra que a referência ao anarcossindicalismo teve uma “carreira positiva, mas subterrânea”, no sentido de que o termo não aparece nos textos dos congressos, mas sim nos relatos de intervenções orais que se encontram sobretudo na imprensa militante. Huard, um ativista da CGT-SR, foi à Espanha em 1931 e fez uma viagem de propaganda pela França, sobre a qual o *Combat syndicaliste* relatou, escrito por correspondentes locais. Esses relatórios, disse Colson, “fornecem uma boa imagem de como as intervenções de Huard foram percebidas localmente”. Das nove resenhas, seis não usam o termo anarcossindicalista”, mas três delas “atribuem diretamente a Huard uma referência explícita ao anarco-sindicalismo”. Uma das reportagens denuncia a forma como a imprensa calunia os “anarco-sindicalistas espanhóis”. Outro relatório explica que a delegação da CGT-SR trouxe as “saudações fraternais dos camaradas anarco-sindicalistas da França”. Finalmente, o terceiro relatório menciona explicitamente “os anarco-sindicalistas da CGTSR”.¹²

Colson considera a possibilidade de que o próprio Huard não tenha usado os termos “anarcossindicalismo” ou “sindicalista-anarcossindicalista”, mas que esses relatos mostram que os ativistas de base estavam empregando espontaneamente uma qualificação que sua organização nunca usou em seus textos.

“Se tivéssemos que datar precisamente o momento em que o anarco-sindicalismo se tornou a referência oficial de uma fração organizada da classe trabalhadora francesa, teríamos que pular cerca de quinze anos. Foi em 1937 que Pierre Besnard, secretário da AIT, fez um breve discurso no congresso anarquista internacional sobre ‘anarcossindicalismo e anarquismo’.¹³ Pela sua boca, a AIT afirma oficialmente ser anarco-sindicalista, definida como um ‘movimento orgânico e organizado’ que ‘deriva a sua doutrina do anarquismo e a sua forma de organização do sindicalismo revolucionário’. Foi uma conversão tardia que não sugeriu a história do membro francês da AIT: a CGT-SR (sindicalista revolucionária). Desde a sua fundação no congresso de Lyon em novembro de 1926 até 1937, a CGT-SR nunca se referiu ao anarco-sindicalismo, mas sempre ao sindicalismo revolucionário, invariavelmente descrito como ‘federalista e anti-Estado’.”¹⁴

Colson acrescenta que o próprio Pierre Besnard nunca falou de anarco-sindicalismo, mas sempre de sindicalismo revolucionário, exceto em seu texto de 1937. É claro que o anarco-sindicalismo agora existia como um movimento, mas

12 Daniel Colson, *op. cit.*, pp. 22-23.

13 “1937 : Relatório de Pierre Besnard, Secretário da AIT, ao Congresso Anarquista Internacional de 1937”, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 588>

14 D. Colson, *op. cit.* pág. 21.

agora encontra sua formulação como *doutrina*, embora Besnard disse em 1937 pouca coisa diferente do que já existia na chamada Carta de Lyon, que fundou a CGT-SR em 1926, o mesmo ano da plataforma de Archinov.

O anarco-sindicalismo não apenas deriva “sua doutrina do anarquismo e sua forma de organização do sindicalismo revolucionário”, diz o relatório de Besnard, como também é

“a expressão atual, no nível econômico e social, da doutrina anarquista. É também, no terreno revolucionário, como a própria experiência espanhola o demonstra, o agente essencial de realização. Ele é representado no mundo pela AIT e suas Centrais Nacionais. A sua doutrina foi definida pelo Congresso Constituinte da 2ª AIT (25 a 31 de dezembro de 1922).”

Besnard, no entanto, omite que os textos fundadores da AIT nunca falam de “anarco-sindicalismo”, mas de “sindicalismo revolucionário”, e que a liderança da CGT-SR se opôs por muito tempo ao uso do termo.

Este relatório de 1937 é extremamente interessante porque define com bastante precisão o tipo de relacionamento que deve existir entre anarquistas e organizações de massa. Há acentos que o platformismo não negaria (ver o capítulo sobre “O papel dos grupos e sindicatos anarquistas”).

Em 1926, os textos fundadores da CGT-SR não faziam nenhuma referência ao anarco-sindicalismo. Ora, esta organização é incontestavelmente *anarco-sindicalista*, no sentido de que reintroduz nos seus princípios o que havia sido rejeitado na Carta de Amiens. O estatuto de Lyon da CGT-SR afirma que o sindicalismo é “o único movimento de classe dos trabalhadores”: “A oposição fundamental dos objetivos perseguidos pelos partidos e grupos que não reconhecem o papel essencial do sindicalismo também força a CGT-SR a deixar de observar a neutralidade sindical em relação a eles, que tem sido tradicional até agora.”

A nova organização contesta a ideia de neutralidade sindical tal como é afirmada na Carta de Amiens, em particular no parágrafo onde “o congresso afirma a total liberdade do sindicalizado de participar, fora do grupo empresarial, nas formas de luta que correspondem à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe em reciprocidade que não introduza no sindicato as opiniões que professa fora dele.” A CGT-SR afirma agora a necessidade do sindicalismo não apenas para se desenvolver fora dos partidos políticos, mas *contra* eles. Essa atitude é, de certa forma, um eco das 21 condições de admissão à Internacional Comunista, que defendiam a constituição de frações comunistas nos sindicatos para assumir sua direção.

A razão da resistência da liderança da CGT-SR ao uso do termo “anarcossindicalismo” provavelmente veio do fato de que a nova organização se

considerava representante do *verdadeiro* sindicalismo revolucionário, em oposição àqueles que haviam se unido ao bolchevismo.

O termo “anarcossindicalismo” era claramente usado na Espanha antes da viagem feita por Huard e a delegação da CGT-SR. Segundo Frank Mintz, “começou a suplantar o sindicalismo revolucionário a partir de julho de 1928, com o líder da CNT, Juan Peiró, e quando ele escreveu em catalão.”¹⁵. Foi em 1928 que Peiró deu sua definição de anarco-sindicalismo. Frank Mintz acrescenta : “Em 1932, um líder de estatura nacional, Horacio Prieto, publicou *Anarco-Sindicalismo. Cómo afianzaremos la revolución* [Anarcossindicalismo. Como fortaleceremos a revolução]. Em 1933, Valeriano Orobón Fernández publicou um apelo à aliança operária em que utilizou três vezes os termos “anarcossindicalismo” e “anarcossindicalista”.¹⁶

Ninguém na França parece contestar o fato de que os “anarco-sindicalistas” tiveram um papel decisivo na fundação da CGT. Quando, no início da década de 1970, eu mesmo era um jovem militante da CGT – que na época era fortemente influenciada pelo comunismo brejneviano – até mesmo os comunistas reconheceram o fato. De fato, isso não é verdade. Se o anarco-sindicalismo tinha uma presença tão forte na mitologia comunista da época, não era por causa de uma “corrente anarco-sindicalista” que estava presente na fundação da CGT na virada dos séculos XIX e XX, mas porque os dois movimentos entraram em conflito violento na década de 1920: a memória histórica desses confrontos permaneceu nas décadas de 60 e 70.¹⁷

Hoje, percebo que se a prevalência do anarco-sindicalismo na mitologia comunista estava tão presente, não foi por causa de uma “corrente anarco-sindicalista “que estaria presente na fundação da CGT na virada dos séculos XIX-XX° séculos, mas porque os dois movimentos se chocaram violentamente na década de 1920, confrontos que resultaram em mortes e terminaram na derrota do anarco-sindicalismo.

Fratura na corrente sindicalista revolucionária

Foi provavelmente no 2º congresso da CGTU (Bourges, 12 a 17 de novembro de 1923)¹⁸ onde está o ponto crucial no debate sobre o anarco-sindicalismo. Embora a expressão “anarcossindicalista” apareça frequentemente – 15 vezes – não se trata de “anarcossindicalismo”: em outras palavras, há ativistas, mas *ainda*

15 Correspondência privada.

16 Veja: José Peirats, *A CNT na Revolução Espanhola*, Éditions Noir et Rouge.

17 Esses confrontos resultaram em mortes. Veja “1924: O encontro de Grange aux Belles relatado por May Picqueray. “As primeiras balas bolcheviques são para os anarquistas !” <http://monde-nouveau.net/spip.php?article 594>

18 Relatório do congresso: http://www.ihs.cgt.fr/IMG/pdf_29_-_1923_-_Congres_CGTU_Bourges.pdf

não é um movimento ou uma doutrina.

Entretanto, neste congresso foi encontrado o ingrediente que levaria à fundação do anarco-sindicalismo como uma doutrina por direito próprio : foi o debate sobre a Internacional Sindical Vermelha, ao qual a organização separatista havia aderido. Colomer coloca a questão perfeitamente :

“Como membro do sindicato, me filiarei à CGTU se meu sindicato se filiar a ela. Esta é a posição prática, a única possível, a única válida. Mas se eu sou forçado pelas necessidades da vida a entrar num sindicato que adere a uma Internacional Comunista, o meu dever como produtor, como indivíduo que defende o seu bem-estar e a sua liberdade é lutar contra aqueles que indevidamente se apoderaram da Organização sindical e que recebem ordens de um Partido político, de um Governo que é o assassino dos nossos camaradas da Rússia.

“É por isso que estamos determinados a lutar com todas as nossas forças contra a Maioria Confederal.¹⁹

“A insurreição é o direito mais sagrado do indivíduo colocado em situação semelhante. Agora, se vocês quiserem, e esta será minha conclusão, nós, a Minoria Sindicalista e Anarcossindicalista, nos levantaremos contra o Governo da CGTU.”

Ainda não estamos falando de anarcossindicalismo, mas ele está muito presente como tendência, descrita como “Minoria Sindicalista e Anarcossindicalista”.

O relatório do *L'Humanité* de 23 de julho de 1924 sobre o relatório de Lozovski ao 3º Congresso da Internacional Sindical Vermelha atacou violentamente o anarcossindicalismo :

“A ideologia anarco-sindicalista hoje se reduz ao ódio ao bolchevismo, à ISR e à Rússia Soviética. Além disso, o anarco-sindicalismo se desintegrou um após o outro, seus grupos se separaram do núcleo francês e se juntaram à ISR: temos exemplos disso na América do Norte (entre os Trabalhadores Industriais do Mundo) e também entre os anarquistas sul-americanos. A atividade tenaz do ISR acelerou essa decomposição desde 1923.”

Em uma nota de leitura de Monatte sobre o livro de René Garmy, *História do Movimento Sindical na França (de 1914 até os dias atuais)*, uma obra muito

19 Os sindicalistas revolucionários e os anarquistas, que já foram maioria na CGTU, perderam essa maioria devido à adesão de uma parte do movimento sindicalista revolucionário, com Pierre Monatte, às teses bolcheviques. A “maioria confederal” em questão é, portanto, uma maioria comunista.

tendenciosa e pró-CGTU, Monatte comenta : “Nosso autor usa o vocabulário e o catecismo comunistas. Mesmo antes da guerra, os sociais-democratas chamavam o sindicalismo revolucionário de nada mais que anarco-sindicalismo: os bolcheviques continuaram com isso.”²⁰ Mas na época em que Monatte escreveu estas linhas, ele não era mais o sindicalista revolucionário simpático ao comunismo que defendia a adesão da CGTU à Internacional Comunista, nem o militante do Partido Comunista, ao qual se filiou em maio de 1923 ; foi ele quem foi excluído dezoito meses depois, em novembro de 1924.

O anarcossindicalismo designa, portanto, aquela parte do movimento sindicalista revolucionário que acabou, no início da década de 1920, por refutar a Carta de Amiens e a noção de “neutralidade” sindical em relação aos partidos. Por cerca de dez anos, o anarco-sindicalismo existiu de fato, mas ainda não era designado como tal.

A AIT de Berlim : sindicalista revolucionária ou anarco-sindicalista ?

A ruptura no seio da corrente sindicalista revolucionária concretizou-se com a fundação da AIT de Berlim – de 25 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923 – com todas as organizações sindicalistas revolucionárias que se recusaram a endossar o regime comunista. Esta fundação marca, na verdade, o nascimento do anarco-sindicalismo: uma doutrina que apresenta esta dupla característica de ser derivada do sindicalismo revolucionário em sua forma e do anarquismo em sua substância.

Entretanto, a declaração de princípios da AIT continua a se referir ao *sindicalismo revolucionário* : o termo aparece dez vezes no texto. Isso é normal, esses ativistas se consideravam os *verdadeiros* sindicalistas revolucionários, diferentemente daqueles que, como Pierre Monatte, haviam se juntado às fileiras dos comunistas, mas que também continuavam se autodenominando “sindicalistas revolucionários” – mas não por muito tempo.

O termo “anarcossindicalismo” levaria anos para se estabelecer, mas a ideia estava lá: a AIT de Berlim, fundada em 1922, não se declarava mais neutra em relação aos partidos políticos, mas sim em *oposição* a eles ; ela se declara contrária à atividade parlamentar, ao nacionalismo, ao militarismo, ao Estado ; *todas as coisas que haviam sido deixadas de lado pela Carta de Amiens* por meio de um compromisso com os reformistas. É isso que define o anarco-sindicalismo em relação ao sindicalismo revolucionário.

A criação formal da AIT de Berlim em 1922 foi o resultado de um processo de dois anos no qual sindicalistas revolucionários tentaram chegar a um acordo com os comunistas russos. A fundação de uma Internacional sindical revolucionária não era resultado de um desejo absoluto de romper com os comunistas. Os

20 *La Révolution prolétarienne*, 25 de Janeiro de 1935.

delegados que participavam dos congressos da Internacional Comunista ou da Internacional Sindical Vermelha, que pretendiam manter uma certa liberdade de expressão, se viram confrontados pelos comunistas russos, que claramente se estabeleceram como os únicos árbitros de todas as questões revolucionárias. Ingenuamente, alguns ativistas sindicais revolucionários foram capazes de pensar que a constituição de uma Internacional Sindical à margem da Internacional dos Partidos atenuaria o desejo de controle absoluto dos líderes comunistas russos sobre o movimento operário internacional. Entretanto, todas as demandas por garantias dos delegados sindicais revolucionários sobre a autonomia das organizações filiadas, qualquer questionamento da subordinação dos sindicatos aos partidos comunistas, qualquer questionamento da noção de “ditadura do proletariado” provocaram reações violentas dos comunistas russos. Foram feitas várias tentativas de acordo, que foram recebidas com recusas ou táticas de protelação.

Por ocasião do 2º Congresso da Internacional Comunista, os comunistas russos realizaram um ataque em grande escala ao sindicalismo revolucionário.

A pedido dos sindicalistas revolucionários alemães, holandeses, suecos, italianos e espanhóis, a FAUD, a organização alemã, convocou uma conferência em Berlim para dezembro de 1920. Esta conferência foi uma continuação do Congresso de Berlim de 1913,²¹ cujos esforços foram destruídos pela guerra, e propôs-se a tarefa de reunir os sindicalistas revolucionários sobre questões internacionais e de definir uma posição em relação ao congresso da Internacional Sindical Vermelha que estava em preparação. Não se tratava, portanto, de criar uma Internacional sindicalista especificamente libertária, ao contrário do que foi dito. Mas foi isso que Monatte, secretário-geral dos Comitês Sindicalistas Revolucionários, pensou, e ele enviou dois delegados pró-comunistas,²² Victor Godonnèche e Jean Ceppe, com o mandato expresso de impedir a todo custo a formação de uma Internacional sindicalista revolucionária: Monatte admitiu isso a Augustin Souchy em 1921 no congresso de Lille da CGT.²³

Os CSRs franceses deram seu apoio ao ISR e Godonnèche e Ceppe vieram à conferência para apoiar seus pontos de vista. Godonnèche afirmou que os alemães convocaram a conferência com o objetivo de fundar uma nova Internacional sindical revolucionária, mas nenhum dos inúmeros relatórios feitos sobre a

21 Já em 1913, delegados de organizações sindicalistas revolucionárias de quase todos os países europeus e de outros países se reuniram em Londres para criar uma nova Internacional dos Trabalhadores no espírito da Associação Internacional dos Trabalhadores de 1864. A CGT francesa não participou dessa iniciativa porque estava tentando envolver os sociais-democratas alemães em um debate sobre uma ação comum no caso de eclosão de uma guerra, e temia que sua participação nessa iniciativa fosse mal-recebida.

Uma Confederação Internacional de sindicatos “reformistas” foi formada em 1919 em Amsterdã, da qual Léon Jouhaux era vice-presidente. Uma internacional social-democrata foi fundada em Viena em 1921.

conferência de Berlim, nenhum dos artigos escritos na ocasião, menciona qualquer discussão sobre essa possibilidade.

A possibilidade de formação de uma Internacional sindical revolucionária não foi de forma alguma considerada pelos delegados presentes, exceto pelo delegado sueco. A visão predominante era chegar a uma plataforma comum com os comunistas russos a ser defendida no congresso da Internacional Sindical Vermelha, *sendo a criação de uma Internacional sindical revolucionária apenas um último recurso*.

Os sindicatos russos foram convidados para a conferência de Berlim; O chefe da delegação russa, S. Belinsky, que também representava o Conselho Provisório da Internacional Vermelha de Sindicatos, demonstrou hostilidade óbvia em relação à conferência, afirmando que ela não tinha o direito de existir, que apenas o congresso a ser realizado em Moscou tinha o direito de tomar decisões sobre o movimento internacional dos trabalhadores e que o que estava em jogo era pronunciar-se a favor ou contra a revolução²⁴ – uma maneira de dizer que as organizações que se recusaram a aderir à ISR eram contrarrevolucionárias.

Apesar dos eventos recentes no Congresso do Comintern, os delegados permaneceram motivados pelo apoio à Revolução Russa, e as oposições teóricas entre bolcheviques e sindicalistas revolucionários foram de certa forma reprimidas pela maioria dos delegados. A má impressão deixada pelo^{2º} Congresso da Internacional Comunista foi atenuada, para alguns delegados, pela esperança de que a Internacional Sindical Vermelha mantivesse um certo grau de autonomia.

A conferência de Berlim revelou que dentro do próprio movimento sindicalista revolucionário uma profunda divisão estava começando a aparecer na questão do apoio ao regime comunista russo. Essa divisão também deveria aparecer nos CSRs e ter consequências sérias. Na verdade, os CSRs eram um grupo minoritário da CGT. Mas, apesar de serem rotulados como “sindicalistas revolucionários” — ou por causa disso — eles eram tudo menos um grupo ideologicamente homogêneo. Sindicalistas revolucionários, sindicalistas comunistas e “sindicalistas puros” conviveram ali²⁵. O único ponto em comum era a oposição à liderança confederal da CGT, conhecida como “maioria”. Entre eles, os comunistas eram a favor da adesão à Internacional Sindical Vermelha,

22 Os Comitês Sindicalistas Revolucionários, criados em 1919, reuniram, na CGT, opositores da linha reformista confederal de Jouhaux. Pierre Monatte tornou-se seu secretário-geral em 1921.

23 *Boletim Internacional de Sindicatos Revolucionários e Industriais* nº 1 (16 de junho de 1922), p. 17. Veja também *Le Libéraire* de 29 de julho a 5 de agosto de 1921.

24 Rocker Rudolf. “Revolution und Rückfall in die Barberei”, pp. 220-1, Rocker Archive, Instituto Internacional de História Social, Amsterdã, citado por Thorpe p. 299.

25 Aqui está uma definição crítica de “sindicalismo puro” feita por André Prudhommeaux em 1947 em *Le Libéraire*: “Assim, o jovem ativista que então encarnava as esperanças dos libertários na CGT deixou, consciente ou

mas também uma parte dos sindicalistas revolucionários, enquanto a outra parte era contra. Embora a minoria tivesse um preconceito favorável em relação à Internacional Comunista antes de seu 2º Congresso, muitos militantes ficaram reticentes quanto à pretensão dos comunistas russos de se autoproclamarem o único estado-maior da revolução mundial, com controle absoluto sobre tudo o que era feito, dito e escrito.

Os rumores sobre o desaparecimento de Lefebvre, Vergeat e Lepetit, que teriam se manifestado contra a adesão ao ISR, não ajudaram em nada²⁶. Os comunistas russos (e franceses) aproveitaram muito a falta de homogeneidade nas posições das minorias e, em particular, as divisões dentro da corrente sindicalista revolucionária. Não houve uma expressão clara e inequívoca da minoria sobre a questão russa.

As delegações presentes na Conferência de Berlim de 1920 concordaram com a necessidade de apoiar a Revolução Russa, mas também concordaram com a necessidade de estabelecer bases comuns antes de irem ao congresso da Internacional Sindical Vermelha. A única preocupação dos representantes dos Comitês Sindicalistas Revolucionários era garantir que as organizações presentes fossem a Moscou. Quando ficaram tranquilos sobre esse ponto, eles deixaram Berlim.

A conferência decidiu criar um Bureau Sindical Revolucionário Internacional para informar as organizações sindicais revolucionárias e industriais não representadas em Berlim sobre o trabalho da conferência e consultar o bureau provisório da Internacional Sindical Vermelha sobre o andamento do congresso. Esta última iniciativa estava em total contradição com o ponto de vista dos russos e franceses da CSR, que queriam evitar qualquer iniciativa que pudesse sugerir, mesmo implicitamente, o início de uma organização sindical revolucionária internacional.

Apesar da aparente unidade expressa na declaração final, essa unidade era na realidade frágil, na medida em que o “sindicalismo revolucionário” era então um grupo heterogêneo no qual coexistiam militantes sindicalistas e simpatizantes comunistas. Além das denominações, no entanto, a linha divisória estava nas ilusões mais ou menos grandes em que algumas pessoas se encontravam a respeito do poder comunista na Rússia. Os ativistas que ficaram desiludidos com

inconscientemente, o terreno da nossa doutrina para o do sindicalismo puro. Quarenta anos depois, encontramos Pierre Monatte hoje, movido pela mesma fé e promulgando o mesmo “credo”: tudo pelo sindicato, tudo pelo sindicato. Esta fé inclui uma doutrina que permaneceu quase invariável ao longo da existência militante do “velho selvagem” e dos seus companheiros: é a doutrina do sindicalismo acima dos partidos, acima das fronteiras, acima da própria história; a ideia de sindicalismo internacional, unitário, invariável e puro, apolítico, ligado à pureza, invariabilidade, unidade, internacionalidade e caráter apolítico de uma classe: a classe dos proletários industriais. Que importa se esses atributos estão ausentes no verdadeiro proletariado!

» (André Pruhommeaux, *Le Libertaire*, 24 de abril de 1947.)

a realidade na própria Rússia pouco puderam fazer contra aqueles que tiveram contato com essa realidade, mas não queriam ver nada. Em outras palavras, era quase impossível abrir os olhos daqueles que simplesmente se entregavam ao seu entusiasmo pela Revolução Russa e se deixavam embalar pela propaganda.

Na ausência dos espanhóis e dos italianos, cujas opiniões eram bem definidas, os mais realistas eram, sem dúvida, os alemães e os suecos, que entenderam que o objetivo dos russos era estabelecer sua hegemonia ideológica sobre todo o movimento revolucionário internacional: enquanto a maioria dos delegados na conferência de Berlim havia negligenciado os debates teóricos, os alemães e os suecos perceberam que a reflexão teórica não poderia mais ser evitada, que a doutrina sindicalista revolucionária tinha que ser elaborada, desenvolvida, explicitada, sob o risco de desaparecer. Foi essa necessidade de deixar para trás a imprecisão doutrinária que marcou o sindicalismo revolucionário que deu origem ao anarco-sindicalismo propriamente dito: o princípio da neutralidade dos sindicatos em relação aos partidos políticos foi abandonado e a oposição aos partidos foi substituída. A criação da Associação Internacional dos Trabalhadores em Berlim, entre dezembro de 1922 e janeiro de 1923, não foi resultado de um desejo de romper com os comunistas russos, mas do sectarismo destes últimos. Um fato óbvio tornou-se evidente para os sindicalistas revolucionários europeus: era impossível continuar a aderir, ou considerar aderir, a uma organização internacional enquanto o partido que foi o seu fundador na Rússia se apropriava pela força e pela intimidação de todas as instituições criadas pela classe trabalhadora russa, e que reprimia selvagememente qualquer oposição a esta política. Mas, ao mesmo tempo, era impossível que as organizações sindicalistas revolucionárias permanecessem isoladas. É por isso que se tornou vital criar uma Internacional Sindical em oposição tanto à Internacional Sindical Vermelha quanto à reformista Federação Internacional de Sindicatos.

À luz dessa perspectiva histórica, as teses de Schmidt-van der Walt sobre a diferença entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo parecem-me extremamente caricaturais e totalmente desligadas da realidade histórica.

A história do movimento revolucionário na época e depois da Revolução Russa mostra claramente que não estamos mais na problemática de um “nível

26 Raymond Lefebvre era comunista, mas muito cético sobre o que tinha visto na Rússia; Marcel Vergeat e Jules Lepetit eram ativistas anarco-sindicalistas, também céticos. Após o congresso, eles trabalharam por vários dias para reunir suas anotações e documentos. “Suas perseguições começaram quando estavam prestes a retornar à França, todos os três se recusaram a entregar suas notas aos funcionários do governo soviético que supostamente estavam encarregados de transmiti-las. Um fato característico que comprova o estado de espírito de Lefebvre: ele se recusou categoricamente a confiar suas notas e documentos aos membros russos de seu partido. Esta foi uma das razões que levaram os políticos de Moscou a “sabotar” sua saída. Sob falsos pretextos, eles não foram autorizados a seguir o caminho normal

explícito e consciente de relacionamento entre sindicalismo revolucionário e anarquismo” (*Black Flame*) para compreender a diferença entre sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo. Pareceu-me importante mostrar que, após a Revolução Russa, uma parte decisiva da corrente sindicalista revolucionária rejeitou de forma completamente explícita o fundamento anarquista da doutrina original. Podemos então afirmar que o sindicalismo revolucionário foi uma “variante”, ou uma “estratégia” do anarquismo, no momento em que este se tornou seu adversário?

O próprio Pierre Monatte, que debateu com Malatesta em Amsterdã em 1907, contribuiu muito, por meio de seu prestígio na classe trabalhadora francesa, para aproximá-la das posições dos comunistas russos. Ingenuamente convencido de que os comunistas respeitariam a independência sindical, ele se filiou ao Partido Comunista em maio de 1923, juntando-se ao seu comitê executivo em janeiro de 1924. Uma vez que se tornou inútil, ele foi expulso em dezembro de 1924 “como inimigo do proletariado, do Partido e da Internacional”.²⁷

Como resultado, o sindicalismo revolucionário praticamente desapareceu como uma corrente com algum peso no movimento dos trabalhadores franceses, tendo-se literalmente dissolvido no Partido Comunista. O ramo do sindicalismo revolucionário que se tornou anarco-sindicalismo continuou a viver uma vida independente e sobreviveu como um movimento até a Segunda Guerra Mundial.

Conclusão para *Black Flame*

Schmidt e van der Walt estão, sem dúvida, cientes da extrema complexidade da história do movimento anarquista e da surpreendente variedade de abordagens a partir das quais os diferentes autores do movimento quiseram abordar questões de doutrina. *Black Flame* é provavelmente uma tentativa de encontrar coerência neste movimento.

Outros autores tentaram fazer a mesma coisa: Sébastien Faure, por exemplo, que definiu uma tipologia artificial e pouco convincente, mas que talvez tenha fornecido uma estrutura explicativa tranquilizadora para muitos libertários.

Schmidt e van der Walt forneceram sua própria estrutura explicativa, que não é menos artificial e tão pouco convincente quanto a de Sébastien Faure. Enquanto

seguido por Cachin e outros delegados comunistas. As autoridades soviéticas decidiram “enviá-los através do Norte”. Motivados pelo ardor de cumprir sua missão e acreditando estarem protegidos por Lefèvre, que faria a viagem com eles, Vergeat e Lepetit estavam determinados a fazer de tudo para retornar à França a tempo de participar do Congresso Confederal.” O resto já sabemos: Cachin chegou a tempo de participar do congresso da CGT; Lefèvre, o comunista cético, Vergeat e Lepetit, os dois anarco-sindicalistas, desapareceram no mar. (*Repressão do anarquismo na Rússia Soviética*, Editions de la Librairie sociale, 1923, pp. 126-127.)

27 Após sua exclusão, Monatte foi tratado de forma vergonhosa por seus antigos companheiros de partido no *L'Humanité*. Cf. “Pierre Monatte, sabotador do

o primeiro queria fazer uma síntese das diferentes correntes do movimento anarquista, pensando que conseguiria estabelecer uma coerência, os dois sul-africanos procedem tanto pela exclusão quanto pela fusão: por um lado, eles dizem que tudo o que não está de acordo com sua própria definição de anarquismo *não é* anarquismo, e que tudo o que eles designam como sendo anarquismo *é* anarquismo, independentemente do que as pessoas envolvidas pensem.

Em grande medida, sua abordagem é ainda mais confusa do que a de Sébastien Faure.

Gaetano Manfredonia propõe uma grade de leitura que talvez nos permita sair do impasse em que nos encontramos para estabelecer uma classificação das diferentes correntes anarquistas. Seu livro, *Anarchisme et changement social, Insurrectionnalisme, syndicalisme, éducationnisme-réalisateur*²⁸ assume uma perspectiva radicalmente diferente de *Black Flame*, e parece-me fornecer explicações muito mais convincentes do que as teses de Schmidt-van der Walt, e muito mais convincentes do que a classificação rígida estabelecida por Sébastien Faure na sua “síntese”. O livro de Manfredonia fornece soluções para os impasses metodológicos em que os autores de *Black Flame* se envolveram.

Manfredonia é atualmente um dos mais renomados historiadores do anarquismo em França. *Anarquismo e Mudança Social* varre todas as tipologias até então vigentes baseadas no “plataformismo”, no “sintetismo” de Voline ou no “sintetismo” de Sébastien Faure. Com base na “sociologia abrangente” de Weber, ele acredita que é necessário “romper com as interpretações usuais do anarquismo, que propõem apenas a história das ideias ou movimentos” e sugere voltar-se “*decididamente para o estudo das práticas militantes*”. É com base nesse método que ele delinea três tipos “ideais” de militância libertária: o tipo insurrecional, o tipo sindicalista e o tipo educacional-realizador.

Esta nova tipologia ternária é de longe mais pertinente do que a grelha de leitura proposta por Sébastien Faure em 1928 na *Síntese Anarquista*, e que esteve na origem de muitos clichés... ainda que nenhum historiador sério o utilizou. Faure baseou o anarquismo na coabitação artificial de três correntes: individualista, comunista e sindicalista. Essa tipologia respondia mais a um desejo de conciliação no contexto polêmico da época, do que a uma abordagem séria. Tratava-se de acender um contra-fogo à Plataforma de Makhno e Archinov, que

movimento operário”, *L’Humanité*, 11 de setembro de 1925.

<http://monde-nouveau.net/spip.php?article593>

É possível que Monatte tenha pagado o preço pelas reversões políticas da Internacional Comunista. Após o fracasso de sua política na Alemanha, a Internacional comunista teve que encontrar bodes expiatórios. Há expurgos nos partidos alemão, polonês e suco. Na França, Monatte, Rosmer e Souvarine são substituídos por dois protegidos de Zinoviev.

28 Atelier de création libertaire, 2007.

queriam renovar o anarquismo com base na experiência da Revolução Russa.

No que diz respeito às “tipologias” aplicáveis ao movimento anarquista, se falamos frequentemente da “síntese” de Sébastien Faure, falamos muito menos daquela de Voline, que me parece mais realista²⁹. Assim como Sébastien Faure, Voline considera que há “correntes” distintas dentro do anarquismo: sindicalismo, anarquismo-comunista e individualismo, mas para Voline essas correntes não são rigidamente separadas. Trata-se, antes, de definir as ideias centrais do anarquismo, ou seja, o *princípio sindicalista* como “método de revolução social”, o *princípio comunista* como “base de organização da nova sociedade em formação” e o *princípio individualista*, “sendo a emancipação total e a felicidade do indivíduo o verdadeiro objetivo da revolução social e da nova sociedade”: ninguém pode se opor a este último ponto, desde que reconheça que a emancipação do indivíduo não pode ser distinguida da emancipação coletiva e social. Não se trata, portanto, de “anarquismo individualista” como uma corrente específica do movimento anarquista, mas da emancipação do indivíduo como *objetivo* da revolução social. Não é a mesma coisa de jeito nenhum. Voline queria que o movimento anarquista *debatesse* essas questões para alcançar uma síntese real, isto é, algo que fosse mais do que a simples soma de suas partes constituintes. Ao contrário de Sébastien Faure, Voline tem uma visão dinâmica de síntese.

Mas Makhno e Archinov também queriam debater os pontos expostos em sua plataforma; A recusa dos ativistas da época em debatê-lo é mais indicativa do estado de decadência do movimento anarquista³⁰ do que do caráter “autoritário” da própria Plataforma.

Manfredonia permite uma releitura que vai além do antagonismo *Plataforma/Síntese* e não fixa as diferentes formas de anarquismo em “caixas” rígidas como é o caso da “síntese” de Sébastien Faure. Ele não estabelece uma partição hermética entre as diferentes “estratégias”, mas procura apreender a sua coerência. Sua abordagem, portanto, parece-me mais adequada para definir o que é o anarquismo em sua realidade; ele oferece uma grade de leitura completamente convincente para decifrar o que é coerente sobre o anarquismo em sua diversidade – algo que nem Sébastien Faure na década de 1920 com sua “síntese”, nem Schmidt e van der Walt mais recentemente, fazem.

Manfredonia não fala de “correntes” no movimento anarquista, ele define uma tipologia baseada em *tipos ideais* (insurrecionais; sindicalistas; educacionistas-realistas) que se constituem e se combinam em proporções variadas, segundo as circunstâncias e as necessidades. Como resultado, pontes podem ser formadas entre os dois tipos conforme necessário, sem que nenhum deles fique preso em

29 “Sobre a síntese”, *The Anarchist Review*, março-maio de 1924.

30 ...do qual Jean Grave fez um diagnóstico terrível em 1911.

<https://monde-nouveau.net/spip.php?article521>

um compartimento estanque. E sem que nenhum desses tipos possa reivindicar representar apenas o anarquismo.

Esses diferentes tipos de atividades próprias do movimento libertário não se opõem, podem evoluir e interagir de acordo com as circunstâncias: o insurrecionalismo, o sindicalismo e o educacionismo-realizador não se opõem, podem *se suceder cronologicamente* ou coexistir em combinações variáveis de acordo com as necessidades e o contexto político e social. De forma muito esquemática, pode-se dizer que um aumento na repressão pode levar o movimento libertário a se inclinar mais para táticas insurrecionais, um período de paz social prolongada pode encorajar tendências educacionistas e períodos de conflito social predispoem os militantes a adotar ações sindicais. O anarquismo aparece, portanto, como um movimento eminentemente adaptável: o problema é que muitos anarquistas não sabem disso. Foi assim que pude observar no Brasil ativistas “plataformistas” tendo uma atitude de desdém em relação a ativistas não plataformistas que se engajavam em atividades culturais ou educacionais sem refletir sobre elas.

Com a grade de leitura proposta por Manfredonia, poderíamos dizer que o movimento libertário francês antes de 1914 teria passado, assim, por uma fase inicial insurrecionalista (1878-1886), uma reorientação “sindicalista” a partir de 1888, um breve retorno ao insurrecionalismo com os ataques de 1892-1894, depois a instalação definitiva na visão sindicalista, pontuada por breves irrupções do insurrecionalismo quando os conflitos sociais se tornaram mais agudos. A passagem por essas diferentes fases não teria impedido a permanência, à margem, de uma corrente pedagoga-realizadora.

A outra vantagem dessa abordagem é que ela cria coerência onde parecia haver alguma incoerência. Vale ressaltar que os tipos ideais de Manfredonia *não incluem o individualismo*, embora este autor seja especialista em anarquismo individualista, sobre o qual escreveu uma tese de doutorado!

Os três tipos que Manfredonia descreve e suas diferentes combinações, constituem de alguma forma as diferentes estratégias possíveis do anarquismo adaptadas às circunstâncias que as tornam necessárias. Não estamos, portanto, presos em compartimentos onde todos afirmam que é *somente* pela insurreição, pelo sindicalismo ou pela educação que a emancipação pode ser alcançada: a estratégia adotada pelo movimento anarquista pode se referir, dependendo das circunstâncias, a um ou mais desses tipos ideais, e em graus variados.

A questão do individualismo, cuja legitimidade em se reivindicar anarquista pode ser contestada (este é o meu caso), mas cuja existência não pode ser negada, historicamente falando, é de alguma forma “resolvida” por sua “releição” ao tipo “educacionista-realizador”, no qual figura como um elemento marginal.

Schmidt e van der Walt poderiam, em caso de emergência, aceitar a tipologia de Manfredonia, mas não sua tese de que o anarquismo remonta a 1830-1850 com Godwin, entre outros. Neste ponto preciso, penso, como Schmidt-van der Walt,

que Godwin não pode ser chamado de anarquista, mas, como Manfredo, penso que ele não pode ser excluído de uma reflexão séria sobre a *gênese* do anarquismo: a qualidade de precursor poderia ser um bom compromisso. Entende-se que a tipologia de Manfredo me parece ser a que melhor nos permite definir e analisar o anarquismo.

A ressalva que eu faria quanto à conclusão do livro de Manfredo é que o autor parece considerar certo de que a solução gradualista continua sendo a única possível hoje. É verdade que a observação do fato de que “a erosão de uma consciência de classe autônoma dos trabalhadores” pode sugerir que essa opção gradualista é a única que resta ao movimento libertário. Mas precisamente a tarefa do movimento libertário é combater essa erosão, recuperar o terreno perdido na consciência de classe do proletariado. Sabemos que uma revolução não é “desencadeada” voluntariamente: ela simplesmente acontece. O desenvolvimento massivo do que Manfredo chama de “práticas libertárias” pode ser uma vantagem indiscutível: a maior ou menor preparação de uma organização revolucionária e sua maior ou menor inserção nas lutas sociais podem fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso.

* * * * *

Anarco-sindicalismo : uma “carreira positiva, mas clandestina”.....	5
Fatura na corrente sindicalista revolucionária.....	10
A AIT de Berlim : sindicalista revolucionária ou anarco-sindicalista ?.....	11
Conclusão para <i>Black Flame</i>	17